

UM MUNDO DISTANTE PARA GENTE QUE MORA PERTO: PARQUE PROLETÁRIO DA GÁVEA (ANOS 1940 E 1960)

Aluno: Eric Damião Duarte

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves

Introdução

As lembranças tais como os esquecimentos são parte da memória, seja essa individual ou coletiva. O Parque Proletário da Gávea foi um local de resistência, repleto de histórias e esperança. Durante boa parte de sua existência, foi vizinho da PUC-Rio, ficando a poucos metros da Universidade, onde hoje é o estacionamento e o canteiro de obras do Metrô.

A importância de trabalhar com esse tema, além da proximidade com a PUC-Rio, que por sua vez esteve presente em projetos no Parque, é a relação próxima que os parques proletários tem comigo, pois minha família foi moradora do Parque Proletário do Leblon até serem removidos para a Cidade de Deus. Trabalhar com esse objeto é trazer à tona a memória da minha família e dos ex-moradores dos parques proletários. Através do uso da memória oral desejo analisar duas entrevistas que realizei com ex-moradores dos parques proletários da Gávea e do Leblon, juntamente com o levantamento de uma bibliografia sobre o Parque Proletário da Gávea, composta por livros e trabalhos acadêmicos.

O Parque Proletário da Gávea, situado à Rua Marquês de São Vicente, então com o número 147, foi inaugurado pelo prefeito do Distrito Federal, Henrique Dodsworth, em 1942. Era composto por 425 casas de madeira e abrigava aproximadamente 2.500 pessoas [1]. A proposta inicial era atuar no problema da habitação destinada à população pobre removida de favelas, funcionando de forma provisória, para que esses indivíduos fossem realocados em casas permanentes. No entanto, o que ocorreu de fato foi uma tentativa de reeducação [2]. Era aplicado pela administração central do Parque um código com 19 regras, algumas muito rígidas, imposto aos moradores no sentido de uma pedagogia tida como civilizatória.

Os moradores não foram realocados em um curto prazo para as casas prometidas e passaram boa parte da vida no Parque, vivendo de maneira precária. Mesmo com o caráter provisório, o Parque permaneceu ativo por cerca de 30 anos, prazo maior do que o projetado para a resolução do problema das favelas no Rio de Janeiro. Somente na década de 1970, com a aceleração da política de remoções promovida pelo Estado, é que os moradores remanescentes foram levados para novas casas e os parques desativados. Apesar de alguns moradores terem sido removidos para o Conjunto Habitacional Marquês de São Vicente, o Minhocão, que deveria ter sido o destino definitivo após uma breve passagem pelo Parque, grande parte dos moradores foram removidos para conjuntos habitacionais na Zona Oeste, distantes do local de trabalho, que majoritariamente se concentrava na Zona Sul.

Objetivos

O trabalho se desenvolve a partir dos seguintes pontos:

- 1 - contextualizar o período anterior ao Parque, com os argumentos que justificavam a criação desta iniciativa;
- 2 - caracterizar o Parque Proletário da Gávea e identificar os componentes do seu modelo através de uma descrição densa [3], segundo a noção do antropólogo Clifford Geertz;
- 3 - apresentar a vida no local nas décadas de 1940 e 1960 através das entrevistas realizadas, com objetivo de fazer uma analogia entre os períodos analisados nesse trabalho;

4 - iniciar a análise do processo de remoção do Parque Proletário da Gávea para a continuação da pesquisa em uma próxima etapa.

Metodologia

Para a elaboração dessa pesquisa foram analisados livros, trabalhos acadêmicos e duas entrevistas feitas com dois ex-moradores dos parques proletários da Gávea e do Leblon. Os materiais analisados tratam diretamente do tema ou trazem informações relevantes sobre o local e a época estudada. No Instituto Pereira Passos, depois de uma minuciosa busca, foi possível encontrar a dissertação *Parque Proletário da Gávea - Uma experiência de habitação popular*, de Ney dos Santos Oliveira [4], que analisa diretamente o Parque Proletário da Gávea. A partir dos estudos sobre memória oral da historiadora Verena Alberti e da obra *Memória e sociedade*, de Ecléa Bosi [5], foi possível operar o conceito de memória oral na minha pesquisa. O conceito de “lugar de memória”, de Pierre Nora [6] foi fundamental para a elaboração desse trabalho, assim como a relação entre memória, identidade e projeto analisada por Gilberto Velho [7].

Conclusões

O Parque Proletário da Gávea foi criado como resposta do estado à necessidade de moradia para as classes mais pobres e, principalmente, como parte do processo de erradicação das favelas da Zona Sul. Apesar das autoridades defenderem o seu caráter provisório e do Parque ser projetado para combater a favelização, o local serviu como moradia por cerca de 30 anos e chegou a ser categorizado como favela. Durante boa parte do seu funcionamento, o Parque funcionou de forma precária até ser completamente removido na década de 1970. Hoje, fica na memória as histórias dos antigos moradores do Parque que são testemunhos das transformações e das políticas habitacionais na cidade do Rio de Janeiro.

Referências

- 1 – OLIVEIRA, Ney dos Santos. **Parque proletário da Gávea - uma experiência de habitação popular**. 1981. 142 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) - Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981. p. 47.
- 2 - CARVALHO, Monique Batista. Questão habitacional e controle social: a experiência dos parques proletários e a ideologia “higienista-civilizatória”. In: Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: saberes e práticas científicas, 16. 2014, Rio de Janeiro. **Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: saberes e práticas científicas**. Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2014. p. 1-11.
- 3 – GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. p. 13-41.
- 4 – OLIVEIRA, Ney dos Santos, op. cit.
- 5 – BOSI, Ecléa. Tempo de lembrar; D. Brites. In: **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia Das Letras. 1979. p. 71-92; 296-361.
- 6 – NORA, Pierre. Entre memória e história - A problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, nº. 10, São Paulo, PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em História, p. 7-26, dez. 1993.
- 7 - VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 97-105.